



Proêmio do comentário de Tomás de Aquino ao *Tratado do Céu e do Mundo* de Aristóteles

*Tradução: Maryane Stella Pinto**

AQUINO, Tomás. *In libros Aristotelis De caelo et mundo expositio*. Disponível em: <http://www.corpusthomisticum.org/ccm0.html>.

Parágrafo Primeiro

Como o Filósofo diz no livro primeiro da Física; opinamos conhecer cada coisa quando conhecemos as causas primeiras, e os princípios primeiros até os elementos. A partir do que o Filósofo mostra manifestamente que nas ciências há um processo ordenado, conforme se procede a partir das causas primeiras e dos princípios até as causas próximas, que são os elementos constituintes da essência da coisa. E isto é razoável: de fato o processo das ciências é obra da razão, da qual é próprio ordenar; donde em toda obra da razão se descobre alguma ordem segundo a qual se procede de um a outro. E isso é patente tanto na razão prática, cuja consideração é acerca daquilo que nós fazemos quanto na razão especulativa cuja consideração é acerca daquilo que é feito por outros.

Parágrafo Segundo

O processo se apresenta também do anterior ao posterior na consideração da razão prática segundo *quatro ordens*:

* Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: aryane.filosofia@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9082948218884944>.

Primeira: segundo a ordem de apreensão, conforme o artista apreende primeiro absolutamente a forma da casa e depois nela aplica a matéria.

Segundo: de acordo com a ordem de intenção segundo a qual o artista projeta acabar (perfezer, completar) toda a casa e por isso faz o que quer que seja feito acerca das partes da casa.

Terceiro: segundo a ordem de composição, isto é, conforme antes se cortam as pedras e posteriormente se ajuntam em uma parede;

Quarto: segundo a sustentação da obra, conforme primeiramente o artesão lança o fundamento, sobre o qual as outras partes da casa se sustentam.

Do mesmo modo também, se encontra quatro ordens na consideração das *razões especulativas*. Em primeiro lugar, de fato, conforme se procede do mais comum ao menos comum. E esta ordem corresponde proporcionalmente à primeira ordem, a qual foi chamada de ordem de *apreensão*: de fato, os universais são considerados conforme a forma absoluta, mas as coisas particulares são consideradas conforme a aplicação da forma junto à matéria; assim o Filósofo no livro I *Do Céu* diz que aquele que diz céu diz forma, mas quem diz este céu diz forma na matéria. A segunda ordem é conforme se avança do todo para as partes. E esta ordem corresponde proporcionalmente à ordem que foi dita ordem de intenção, isto é, na medida em que o todo é anterior às partes na consideração, não a quaisquer, mas às partes que são conforme a matéria e que são individuais; como o semicírculo, em cuja definição é posto o círculo (com efeito, o semicírculo é a metade do círculo), e o ângulo agudo, em cuja definição é posto o reto (com efeito o ângulo agudo é menor que o reto). Acontece ao círculo e ao ângulo reto serem assim divididos: donde as desse tipo não são partes da espécie. Com efeito, as partes desse tipo são anteriores o todo na consideração, e são postas na definição do todo, assim como a carne e osso na definição de homem, como está dito no Livro VII da *Metafísica*. Mas a terceira ordem está conforme se avança das coisas simples até as coisas compostas, enquanto as coisas compostas são conhecidas pelas simples, como que por seus princípios. E essa ordem se compara com a terceira ordem, a qual é

chamada de ordem da composição. A quarta ordem é na medida em que é necessário primeiro considerar as partes principais, como o coração e o fígado antes que as artérias e sangue. E isto é proporcional à ordem prática segundo a qual primeiro se estabelece o fundamento.

Parágrafo Terceiro

E se considera esta quadrúplice ordem também no processo da ciência natural. Pois primeiro se determina sobre as coisas comuns da natureza no livro da *Física*, no qual é tratado sobre o móvel enquanto móvel. Donde resta aos outros livros da ciência natural aplicar esses comuns aos seus sujeitos próprios. Ora o sujeito do movimento é magnitude e corpo: porque nada se move exceto o que é determinado pela quantidade. Nos corpos devem-se observar três outras ordens: de um primeiro modo na medida em que todo o universo corpóreo é anterior em consideração às suas partes; de outro modo na medida em que os corpos simples devem ser considerados antes dos compostos; terceiro na medida em que entre os corpos simples é necessário primeiro considerar o prioritário, isto é, sobre o corpo celeste no qual todos os outros estão fixos. Este livro se ocupa dessas três, o qual entre os gregos se intitula *Sobre o Céu*. De fato é tratado nesse livro algo que é pertinente ao universo todo, como é patente no livro primeiro; algo que é pertinente aos corpos celestes, como fica patente no livro segundo; algo que é pertinente aos corpos simples como fica patente no terceiro e no quarto. Por causa disso, este livro se ordena racionalmente como primeiro depois dos livros da *Física*. E por isso, imediatamente, no princípio deste livro trata-se sobre o corpo, ao qual é necessário aplicar tudo o que foi tratado acerca do movente no livro da *Física*.

Parágrafo Quarto

Portanto, porque se trata de diversos assuntos neste livro, houve a dúvida entre os antigos comentadores de Aristóteles sobre o tema deste livro. Com efeito Alexandre opinou que o assunto sobre o qual principalmente se trata neste livro seja o próprio universo. Donde, como se diz “céu” de três modos, por vezes “a própria última esfera”, às vezes “todo o corpo que se move circularmente”, e também às vezes “o próprio universo”, sustenta que este livro é intitulado *Sobre o Céu* como se fosse sobre o universo ou sobre o mundo: em cuja asserção ele assume que o Filósofo neste livro determina sobre algo que se refere ao universo todo, por exemplo, que é finito, que seja somente um, e outras deste tipo.

Mas contrariamente parece a outros que o assunto sobre o qual principalmente se trata neste livro é o corpo celeste que se move circularmente; e por causa disso é intitulado *Sobre o Céu*. Mas sobre os outros corpos é determinado neste livro ou como consequência, enquanto estão contidos no céu e recebem a influência dele, como disse Jâmblico; ou por acidente, na medida em que o conhecimento dos outros corpos é assumida para manifestar aquelas que são ditas sobre o céu, como diz Siriano. Mas isto não parece provável: pois após o Filósofo determinar no segundo livro sobre o céu, coloca em seguida, no terceiro e quarto a consideração sobre outros corpos simples, como se tratando destes principalmente. Com efeito, não é costume do Filósofo atribuir à parte principal de alguma ciência o que é assumido por acidente.

Por este motivo pareceu a outros, assim Simplício disse, que a intenção do Filósofo neste livro é determinar acerca dos corpos simples, na medida em que convém na intenção comum de um corpo simples: e porque entre os corpos simples o céu é o principal, do qual dependem os outros; por esse motivo o livro todo é denominado pelo Céu. E, assim diz, nada impede que neste livro se determine sobre algo que é pertinente a todo o universo: porque as condições deste tipo convêm ao universo na medida que convêm ao corpo celeste, isto é, ser finito e sempiterno, e outras deste tipo. Mas se a principal intenção do Filósofo fosse determinar

sobre o universo ou sobre o mundo, seria preciso que Aristóteles estendesse sua consideração a todas as partes do mundo, também até sobre plantas e animais, como Platão no *Timeu*.

Mas, pelo mesma razão podemos argumentar contra Simplicio: porque se neste livro se tratasse principalmente sobre os corpos simples, seria preciso que tudo o que se refere aos corpos simples fosse tratado neste livro; mas agora neste livro se trata somente do que se refere à leveza e à gravidade dos mesmos, mas as outras serão tratadas no livro *Sobre a Geração*.

Parágrafo 5

E por isso a opinião de Alexandre parece a mais razoável de todas, que o sujeito deste livro seja o próprio universo, que é chamado de céu ou mundo; e porque se determina sobre os corpos simples neste livro, na medida em que são partes do universo. Ora, o universo se constitui de suas partes segundo a ordem de posição: e por isso somente daquelas partes do universo se determina neste livro, as quais primeiro e por si têm posição no universo, isto é, os corpos simples. Donde não se determina neste livros sobre os quatro elementos na medida em que são quentes ou frios, ou algo deste tipo; mas somente segundo o peso e a leveza, a partir das quais se determina sua posição no universo. Mas, outras partes do universo, como as pedras, plantas e animais, não se determinam segundo sua posição por si, mas segundo os corpos simples: por isso, não deveria tratar-se disso neste livro. E isso é consoante com o que costumavam dizer os latinos, que neste livro se trata do corpo móvel em relação à posição, ou segundo o lugar: de fato, de algum modo o movimento é comum a todas as partes do universo.

Referências

AQUINO, Tomás. *In libros Aristotelis De caelo et mundo expositio*. Disponível em: <http://www.corpusthomicum.org/ccm0.html>. Acesso em: 9 nov. 2017.

Data de registro: 14/12/2017

Data de aceite: 11/04/2018